

JOANNIS A. S. THOMA.**CURSUS PHILOSOPHICUS
THOMISTICUS.**

Secundum exactam, veram et genuinam
Aristotelis et Doctoris Angelici mentem
et in diversas Partes distributus.

TRACTATUS QUINTUS**PARS 1**

PRIMA PARS CONTINET EA QUAE AD ARTEM
LOGICAM SPECTANT.

SECUNDA PARS PARTIS 1.

SERIES QUAESTIONUM, ET ARTICULORUM,
QUAE IN SECUNDA PARTE ARTIS LOGICAE
CONTINENTUR.

QUAESTIO 3

313a DE UNIVERSALI SECUNDUM SE.

Explicatio ente rationis in communi oportet descendere ad [25] explicandas intentiones logicas quae deserviunt ad cognoscenda et ordinanda praedicamenta, scilicet ipsa universalia, et praedicabilia. Et prius oportet considerare rationem [30] universalitatis secundum se et in communi, deinde de unoquoque praedicabili in particulari.

Circa universale autem secundum se tria occurrunt consideranda: [35] *Primum* est ipsa ratio universalis; *secundum* causa, a qua fit; *tertium*, actus universalis, qui est praedicatio actualis de inferioribus.

Circa primum tria inveniuntur [40] in universali secundum se: *Primum* est ipsa natura, quae in communi

JOÃO DE S. TOMÁS¹.**CURSO FILOSÓFICO
TOMÍSTICO².**

Segundo a exata, verdadeira e genuína
mente de Aristóteles e do Doutor Angélico
e dividido em diversas Partes³.

QUINTO TRATADO⁴**PARTE 1**

A PRIMEIRA PARTE TRATA DAS COISAS QUE
SE REFEREM À ARTE LÓGICA.

SEGUNDA PARTE DA PARTE 1.

SÉRIES DE QUESTÕES E DE ARTIGOS QUE
ESTÃO CONTIDOS NA SEGUNDA PARTE DA
ARTE LÓGICA.

QUESTÃO 3⁵

313a O UNIVERSAL EM SI MESMO.

A explicação do ente de razão em comum exige recorrer às [25] explicações das intenções lógicas, que servirão para conhecer e ordenar os predicamentos, ou seja, os próprios universais e os predicáveis. E, primeiro, é preciso considerar a noção [30] de universalidade em si e em comum; depois, a noção de cada um dos predicáveis em particular.

Contudo, acerca do universal em si, convém considerar três coisas: [35] *Primeira coisa*: a própria noção de universal. *Segunda coisa*: o que lhe causa. *Terceira coisa*: o ato universal, que é a predicação atual dos inferiores.

Acerca da primeira, há três coisas encontradas [40] no universal em si: *Primeira*, sua natureza, que é considerada em co-

¹ Esta tradução forma parte de um estudo levado em conjunto com a Dra. Paula Oliveira e Silva, investigadora do Gabinete de Filosofia Medieval (GFM), do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto/Portugal. Agradeço à Dra. Oliveira e Silva pela solícita aceitação da publicação antecipada desta inédita tradução na Aquinate. Certamente, uma futura edição deste texto trará as críticas, correções e sugestões, sempre muito bem-vindas para a sua excelência.

² Uma breve exposição da vida e obra de João Poincot, mais conhecido como João de Santo Tomás, ver: STÖHR, J. "Johannes a. S. Thoma", in: *Thomistenlexikon*. Herausgegeben von D. Berger und J. Vijgen. Im Auftrag der Deutschen Thomas-Gesellschaft e. V. sowie der Nederlands Thomas Gezelschap. Bonn: Verlag nova et veteran, 2006, col. 293-302.

³ Texto latino usado para esta edição: JOANNIS A. S. THOMA, *Cursus Philosophicus Thomisticus*, secundum exactam, veram et genuinam Aristotelis et Doctoris Angelici mentem et in diversas Partes distributus. Lugduni: Sumptibus Laurentii Arnaud, Petri Borde, Joannis et Petri Arnaud, 1678. Disponível e pesquisado em março de 2012 em: <http://books.google.com.br>

⁴ Com o intuito de melhor dispor e adequar o texto latino e a tradução portuguesa para acesso e consulta dos leitores e pesquisadores em nossa edição, que não é crítica, nem pretende sê-la, foram incluídas numerações à margem da exposição latina do conteúdo de cada Artigo, seguindo o mesmo critério de numeração, posta à margem do texto traduzido. Esta numeração segue a divisão original do texto latino em parágrafos e resulta do cotejamento do texto latino desta edição com o da edição de Reiser: Cfr. IOANNIS A. SANCTO THOMA O.P. *Cursus Philosophicus Thomisticus, secundum exactam, veram, genuinam Aristotelis et Doctoris Angelici mentem*. Nova editio a P. Beato Reiser O.S.B. Taurini: Marietti, 1933, pp. 313a-315b.

⁵ THOMA, A. S. J. *Cursus Philosophicus Thomisticus*. Q.3, pp. 109-121. [Editio Lugduni apud Laurentii Arnaud, 1678].

consideratur et est subiectum, quod denominatur universale. *Secundum* est fundamentum ipsius [45] universalitatis, quod est unitas abstracta a multis et aptitudo ad essendum in illis. *Tertium* est ipsa formalis relatio seu intentio universalitatis, qua respicit inferiora. Et de istis in [50] hac quaestione agendum est.

ARTICULUS 1.

313b EXPLICATUR DIVERSA ACCEPTIO
UNIVERSALIS ET DEFINITIO ILLIUS.

Communis omnium intelligentia et conceptus est nomine *universalis* [10] intelligi id, quod habet respectum aliquem ad plura; contraponitur enim singulari, quod incommunicabile est ad multa. Sed quia contingit multipliciter aliquid respicere plura et [15] habere se erga plura, multipliciter etiam contingit accipi universale. Et reducuntur omnes acceptiones eius ad tres. Est enim universale in significando, universale in causando, [20] universale in essendo seu praedicando.

Universale in significando est signum aliquod, quod ipsum universale significat sive ad plura universaliter applicari potest; sicut nomina [25] seu termini communes significant rem in communi et ad plura applicari possunt, ut homo, animal.

Universale in causando est illud, cuius virtus ad plures effectus [30] se extendit, sive sit efficiens sive in alio genere causae, ut coelum, ut Deus. Et nota, quod universalitas in causando ita respicit effectus suos, quod in illis non attingit solum [35] rationes seu praedicata universaliter et communia, sed etiam particularia. Imo quanto

o maior e é sujeito que se denomina universal. *Secunda*, o fundamento da sua [45] universalidade, que é a unidade abstracta de muitos, e a sua aptidão de existir em muitos. *Terceira*, a sua relação formal, ou a sua intenção de universalidade, que se refere aos inferiores. E deve-se tratar destas coisas [50] nesta questão.

ARTIGO 1⁶.

313b EXPLICAM-SE AS DIVERSAS NOÇÕES DE
UNIVERSAL E A SUA DEFINIÇÃO⁷.

É comum à inteligência de todos, que se entenda e conceba pelo nome *universal* [10] o que tem relação de algo com muitos; contrapõe-se, pois, ao singular, que é incommunicável a muitos. Mas, porque há muitos modos como algo se refere a muitos [15] que se têm diante de si, ocorre que o universal também é concebido de muitos modos. E todas as suas aceções são reduzidas a três. Há, pois, o universal no significando, o universal como causa [20] e o universal como ente ou como predicado⁸.

O universal no significando é um sinal que significa o próprio universal, ou o que pode ser universalmente aplicado a muitos, como nomes [25] ou termos comuns, como homem, animal, que significam a realidade em comum e que podem ser aplicados a muitos.

O universal como causa é o que, por cuja virtude, se estende a muitos efeitos [30], enquanto é uma causa eficiente ou outro género de causa, como céu e Deus. E nota-se que a universalidade causa o mesmo em seus efeitos, pois não atinge neles só [35] as noções, ou predicados universais e comuns, mas também cada um dos particulares. E, quanto maior for

⁶ Optamos, por razão de estilo, traduzir 'Articulus Primus', que consta no original, por Artigo 1.

⁷ Cotejamos a tradução deste texto com o editado por: SIMON, R.Y.; GLANVILLE, J.J.; HOLLENHORST, G.D. *The Material Logic of John of St. Thomas*. Basic Treatises. Chicago-Illinois: The University of Chicago Press, 1955, pp. 89-93.

⁸ Creio que se pode fazer uma relação desta tríplice aceção: (1) *universale in significando*; (2) *universale in causando* e (3) *universale in essendo*, com a tríplice noção de universal considerada por Tomás de Aquino: (1) *universale post rem* [abstractum], que parece corresponder ao que Poinset denomina 'universale in significando', pois 'pode ser universalmente aplicado a muitos'; (2) *universale ante rem* [prius re ipsa], que parece corresponder ao que Poinset denomina 'universale in causando', por isso Poinset exemplifica com Deus, pois Deus enquanto 'é causa universalíssima do ente enquanto ente faz com que tudo, de algum modo, participe da noção de entidade'; e, por fim, (3) *universale in re* [in particularibus], que parece corresponder ao que Poinset denomina 'universale in essendo', enquanto 'entendido como aquilo que se refere a muitos, nos quais há ser, e dos quais se *predica*, como animal se encontra em todos os animais e homem em todos os homens'; por isso Poinset também o denomina 'universale in predicando'. TOMÁS DE AQUINO, *Super Sent.*, lib. 2 d. 3, q. 3 a. 2 ad 1: "Ao primeiro respondo dizendo que o universal é tríplice. Um que está na coisa, isto é, a natureza mesma que há nos particulares, ainda que não esteja neles segundo a razão de universal em ato. Há outro universal que se obtém da coisa por abstração, e este é posterior à coisa (...) Há também outro universal que se refere à coisa e é antes da coisa mesma, como a forma da casa na mente de quem edifica (...)".

314a universalior est virtus in causando, tanto profundius penetrat effectum omnesque [40] particulares illius rationes attingit et causat, eo quod omnes participant illam rationem communem, et sic virtus, quae potest super totam illam rationem, consequenter potest super [45] omnia, quae illam participant. Sicut coelum, quod est causa universalis istorum corporum, attingit omnes rationes corporeas usque ad individuales differentias; et Deus, qui est [50] causa universalissima entis in quantum ens, causat omnem rationem, quae quoquo modo participat entitatem. Quod principium pro multis difficultatibus theologicis deservit, [5] praesertim ad intelligendum, quomodo ex parte causae inferioris nihil praesupponitur ad agendum, sive quoad substantiam operis sive quoad modum, quod non praeveniatur a [10] causa superiori, in quantum participatur et descendit ab illa.

Denique universale in essendo seu praedicando est illud, quod respicit plura, in quibus habet esse [15] et de quibus praedicatur, sicut animal invenitur in omnibus animalibus et homo in omnibus hominibus. Definitur autem universale hoc ultimo modo acceptum: “Universale est [20] unum in multis et de multis”. Vel ut Aristoteles definit 7. *Metaph.* cap. 13: “Universale est, quod pluribus inesse natum est”. Ubi lect. 13. notat S. Thomas non dixisse Philosophum [25] universale esse, quod pluribus inest, sed quod pluribus inesse aptum est, quia plura universalia sunt, quae de facto non existunt nisi in uno singulari, ut sol et luna.

[30] Explicat autem illa prima definitio data omnia, quae concurrunt ad rationem universalis, scilicet subiectum, fundamentum, relationem ad terminum et propriam passionem. [35] *Subiectum* quidem et fundamentum explicatur in

a sua virtude como causa, tanto mais profundamente penetra no efeito e atinge as noções de todos [40] os particulares e causa neles isto que faz com que todos participem daquela noção comum e, assim, a virtude que pode estender-se sobre toda aquela noção, consequentemente pode [45] estender-se sobre todos que dela participam. Assim como o céu, que é causa universal de todos estes corpos, atinge todas as noções corpóreas, inclusive as diferenças individuais; também Deus, que é [50] causa universalíssima do ente, enquanto ente, causa toda a natureza⁹ que, de algum modo, participa da entidade. O abandono deste princípio gerou muitas dificuldades teológicas [5], sobretudo para compreender como Deus não pressupõe nada, por parte da causa inferior, para operar, ou seja, nem quanto à substância, nem quanto ao modo da sua operação, pois (a causa inferior) não é prévia à [10] causa superior, na medida em que a inferior é partícipe e descende daquela.

E por fim, o universal como ente ou como o que é predicado, entendido como aquilo que se refere a muitos nos quais há ser [15] e dos quais se predica, como animal se encontra em todos os animais e homem em todos os homens. Mas define-se o universal, aceito neste último modo: *universal é [20] um em muitos e de muitos*. Ou como Aristóteles define na *Metafísica*, VII, texto 14¹⁰: *O universal é o que é apto por natureza a existir em muitos*. Por isso, nota S. Tomás na Lição 13¹¹ que o Filósofo¹² [25] não disse existir o universal, enquanto exista em muitos, mas enquanto é apto a existir em muitos, porque há muitos universais que de fato não existem, exceto num singular, como o Sol e a Lua.

[30] Mas explica aquela primeira definição dada por todos que estão de acordo com a noção de universal, ou seja, como *sujeito, fundamento, relação com o termo e a própria paixão*. [35] Explica-se, pois, sujeito e fundamento

⁹ Dentre os múltiplos sentidos de *ratio* está o de natureza. Nesta passagem, parece fugir do sentido que Poinot quer dar à comparação proposta, se traduzisse *ratio* por razão, causa ou por noção.

¹⁰ ARISTÓTELES, *Metaphysica*, Z, 13, 1038 b 10-12. [*Aristotelis Opera*. Ex recensione Immanuelis Bekkeri edidit Academia Regia Borussica. Editio Altera quam curavit Olof Gigon. Volumen Alterum. II. Berolini: Apud W. de Gruyter et Socios, 1960].

¹¹ TOMÁS DE AQUINO, *In Metaphysicam Aristotelis commentaria*, VII, lec. 13, n.1574. [Editio Cathala. Romae-Taurinii: Marietti, 1915].

¹² De igual modo, João Poinot denomina ‘Filósofo’ a Aristóteles, pois herda de Tomás de Aquino, seu mestre, o respeito pela filosofia deste pensador grego.

illo verbo, *unum*; dicit enim rem, quae est una, et unitatem, explicatque ipsam unitatem ut separatam a multis et [40] communicabilem illis, quam communicabilitatem expressius explicat definitio Philosophi, dicens: “Quod aptum est inesse”. Unitas autem a multis separata et aptitudo, ut sit in illis, [45] sunt *fundamentum* relationis universalis, sicut potentia ad generandum est fundamentum relationis paternitatis. Ipsa autem *relatio*, in qua consistit formalis universalitas, explicatur per ordinem ad suum [5] terminum, scilicet *in multis*; haec enim se habent tanquam inferiora, quae directe respicit universale. Dicitur autem esse in multis per identitatem cum illis, quia per [10] communicationem et contractionem ad inferiora universale fit idem cum singulari seu inferiori. Et dicitur esse *de multis* per praedicationem; nihil autem praedicatur de alio nisi [15] sit idem cum illo, non diversum, et per hoc explicatur praedicabilitas, quae est *passio* universalitatis.

Ex dictis colliguntur duo: *Primum*, quomodo explicanda sit distinctio [20] duplicis universalis, alterum metaphysicum, alterum logicum. Quia enim metaphysicus considerat principaliter naturas, logicus vero intentiones seu relationes rationis, ipsa [25] natura seu subiectum abstractum a pluribus dicitur universale metaphysicum, quia in illo directe et principaliter consideratur natura, abstractio autem seu universalitas [30] tanquam conditio; est enim conditio requisita ad omnem scientiam ipsa universalitas, quia nulla scientia agit de singularibus. At vero universale logicum principaliter respicit [35] ipsam intentionem seu formam, qua aliquid denominatur universale, quae est secunda intentio et relatio rationis. Hanc enim praecipue considerat logicus, praesuppositively autem [40] naturam tanquam id, in quo fundatur universalitas; agit enim de secundis intentionibus, ut fundantur in primis. Et sic intelligitur, quod metaphysicus et logicus agunt de [45] eodem, sed diverso

com aquela palavra, *um*; pois se refere ao real, que é um e tem unidade e explica que a própria unidade, enquanto separada de muitos, [40] há nela comunicabilidade, na medida em que ela expressivamente explica a definição do Filósofo que diz, *que é apto a existir em*. Mas a unidade separada, enquanto tal, há nela a aptidão [45] de ser *fundamento* da relação universal, como a potência para a geração é fundamento da relação de paternidade. Mas esta relação, na qual consiste a formal universalidade, explica-se pela ordenação aos seus [5] termos, ou seja, *a muitos*, pois se lhe tem enquanto se relaciona com os inferiores, aos quais diretamente se refere o universal. Ora, diz-se *ser em muitos*, por identidade com eles, porque pela [10] comunicação e contração com os inferiores, o universal tem identidade com o singular ou com o que lhe é inferior. E diz-se *ser de muitos* por predicação: ora, nada se predica de outro, exceto [15] se houver identidade com ele, que não seja diverso e, por isso, se explica a predicabilidade, que é *paixão*¹³ da universalidade.

Do dito, concluem-se duas coisas. *Primeira*, como explicar a dupla distinção [20] de universal: o *metafísico* e o *lógico*. O metafísico considera principalmente a natureza e o lógico as intenções ou as relações de razão. Sua [25] natureza ou o sujeito abstraído de muitos, diz-se universal metafísico, porque considera, direta e principalmente, a natureza, mas a abstração ou a universalidade [30] como condição. A própria universalidade é a condição requerida para toda ciência, porque nenhuma ciência trata dos singulares. De fato, o universal lógico considera principalmente [35] a própria intenção ou a forma, pela qual algo é denominado universal, que é a segunda intenção e relação de razão. Isto é considerado principalmente pelo modo lógico, mas de modo a pressupor [40] positivamente a natureza, sobre a qual se fundamenta a universalidade. Trata das segundas intenções, enquanto fundadas na primeira. Assim, entende-se que o metafísico e o lógico tratam [45] do mesmo, mas de modos diversos,

¹³ O termo *passio* pode ser entendido aqui, salvo melhor juízo, como *modo*, no sentido de que a predicabilidade é um modo decorrente da atribuição comum da universalidade de um conceito a muitos.

315a modo, ut 4. Metaph. dicitur lect. 4 apud D. Thomam, metaphysicus principaliter de natura, logicus de intentione.

Secundo colligitur, quod [5] universalitas et particularitas pertinent ad rationem status ipsius naturae, quae ab universalitate vel singularitate denominari potest. Unde triplex status solet assignari in qualibet natura, [10] ut constat ex doctrina D. Thomae 4. cap. de Ente et essentia et Caietano ibi.

Primus est status naturae secundum se, quia in eo non considerantur [15] nisi tantum illa, quae constituunt ipsam naturam et quidditatem. Unde vocatur etiam status indifferentiae, quia natura secundum se indifferens est ad praedicata accidentalia, nec includit illa ex se nec excludit a se, sed tantum est capax illorum et explicat sua praedicata essentialia tantum. Et [20] vocatur etiam status solitudinis, quia natura est sola ab omni extrinseco praedicato. Et vocatur etiam communis negative, quia non intelligitur multiplicata natura.

[25] Secundus status est secundum esse, quod habet in singularibus, qui est status singularitatis.

315b Tertius denique status est secundum esse, quod habet in [30] abstractione intellectus; quae abstractio etiam dici potest status solitudinis, non pro solitudine ab omni extrinseco praedicato, sed solum pro solitudine seu praecisione ab individuis. [35] Et isti duo status non conveniunt naturae secundum se, quia neuter eorum est praedicatum essentialia naturae; si enim natura secundum se esset universalis, numquam posset [40] esse singularis, vel si secundum se esset singularis, numquam posset inveniri universalis. Quare in statu naturae secundum se omnia, quae non sunt praedicata quidditativa, illi denegantur. Et hinc est, quod extrema, quae videntur contradictoria, addita particula “secundum se” negantur de

315a como diz Tomás em *Metafísica*, 4, l. 4¹⁴, que o metafísico trata principalmente da natureza; o lógico, da intenção.

Segunda, conclui-se que [5] universalidade e particularidade convêm à noção de estado da própria natureza, que pode denominar-se pela universalidade ou singularidade. Por isso, designam três estados, em qualquer natureza, [10] como consta na doutrina de S. Tomás no *De ente et essentia*, c. 4¹⁵ e na de Caetano¹⁶.

Primeiro, é o estado da natureza em si, na qual não se considera [15] senão o que constituem a natureza e a quiddidade. Daí ser denomiando estado de indiferença, porque a natureza em si, é indiferente aos predicados accidentais, pois nem os inclui nem os exclui de si; mas só é capaz deles e só explica seus predicados essenciais. E [20] também denomina-se estado de privação¹⁷, porque a natureza é considerada só, sem todo predicado extrínseco. E, também, denomina-se comum, negativamente, porque não é entendida como natureza multiplicada.

[25] *Segundo*, é o estado conforme o ser que tem nos singulares, que é o estado de singularidade.

315b *Terceiro*, enfim, é o estado segundo o ser que se tem [30] na abstração do intelecto, cuja abstração também pode ser dita estado de privação, não pela privação de todo predicado extrínseco, mas só por privação ou separação dos indivíduos. [35] E estes dois estados não convêm à natureza em si mesma, porque nenhum deles é predicado essencial da natureza; se a natureza considerada em si mesma fosse universal, ela nunca poderia [40] ser singular, ou se a natureza considerada em si mesma fosse singular, ela nunca poderia ser universal. E isto porque no estado da natureza considerada em si mesma, todos que não são predicados quidditativos dela, ser-lhe-iam negados. E é por isso que os extremos parecem contraditórios; mas se for acrescida esta referência, *em si*,

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO, *In Metaphysicam Aristotelis commentaria*, IV, lec. 4, n. 574, [Editio Cathala].

¹⁵ TOMÁS DE AQUINO, *De ente et essentia*. c. 5, nn. 30-33 [Opuscula Philosophica. ed. R.M. Spiazzi. Taurini-Romae: Marietti, 1954, pp. 14-16].

¹⁶ TOMÁS DE VIO CAETANO, *In de ente et essentia d. Thomae Aquinatis commentaria*, c. 6, q.7, nn. 63-68 [ed. M.H. Laurent. Turini: Marietti, 1934, pp. 100-108].

¹⁷ Optamos traduzir ‘status solitudinis’ por ‘estado de privação’, por adequar-se mais à linguagem do que é proposto em questão.

natura in illo primo statu. [5] Dicimus enim, quod natura secundum se neque est una nec plures, nec est alba nec est non alba, quod est dicere: essentialiter non est una, essentialiter non est plures, [10] sed capax utriusque. Nec tamen inde inferas verificari duas contradictorias de natura secundum se; hoc enim numquam est possibile, sed semper altera est vera, altera [15] falsa. Si enim dicas: “Homo secundum se non est albus”; “homo secundum se est albus”, haec secunda est falsa et prima vera, quia est sensus: “Homo essentialiter non [20] est albus”, quod verum est: “homo essentialiter est albus”, quod falsum est. Et sic non valet: ‘secundum se non est album’, ergo ‘secundum se est non-album’, quia variatur [25] appellatio, propter illam particulam “secundum se”.

negam da natureza aquele primeiro estado. [5] Dizemos, pois, que a natureza considerada em si, nem é uma, nem muitas, nem branca, nem não-branca, o que significa dizer que essencialmente não é uma e que essencialmente não são muitas, mas capaz de ambos. Nem nos inferiores verificam-se duas contradições da natureza em si; isto não é possível, pois se uma sempre for verdadeira, a outra será [15] falsa. Se pois disser: ‘o homem em si não é branco’; ‘o homem em si é branco’, esta segunda é falsa e a primeira verdadeira, porque é sensível¹⁸ ‘o homem essencialmente não [20] é branco’, o que é verdadeiro: e ‘o homem essencialmente é branco’, é falso. E, assim, não procede dizer que ‘em si não é branco’; logo, ‘em si não é branco’, pois varia-se a [25] denominação em razão daquela partícula, *em si*.

¹⁸ No sentido de poder ser verificado pelo conhecimento sensível.